

O distrito de Brasilândia na pandemia do COVID-19: um breve panorama

Autores:

Edinei Arakaki Guskuma¹
Leandra Cruz²
Maria Edite Souza Bispo³
Roberto Noritomi⁴
Teresa Cristina Borges⁵

Colaboradora:

Eliane Reis⁶

Todos os direitos reservados. Este trabalho poderá ser reproduzido ou transmitido na íntegra, desde que citado (as) o (as) autor (as). Reproduções para fins comerciais são proibidas.

O conteúdo deste trabalho é de responsabilidade dos autores e não representa posicionamento oficial da Câmara Municipal de São Paulo ou da Consultoria Técnico Legislativa.

¹ Bacharel em Administração (USP), Especialização em Gestão Pública (PUC-Campinas) e em Controle Social das Políticas Públicas (Escola Superior de Gestão e Contas Públicas TCM/SP)

² Bacharel em Pedagogia (UNINOVE), Especialização em Gestão Pública Municipal (UNIFESP) e Pós-graduada em Gestão da Educação Pública (UNIFESP)

³ Bacharel em Biblioteconomia (FESP - Fundação Escola de Sociologia e Política) e Pós-graduada em Planejamento e Gerenciamento de Sistemas de Automatizados de Informação (FAINC - Faculdades Integradas Coração de Jesus)

⁴ Doutor em Sociologia (USP)

⁵ Bacharel em Relações Públicas e em Artes (USP)

⁶ Bacharel em Pedagogia (Centro Universitário São Camilo) e Pós-graduada em Psicologia (PUC-SP)

O distrito de Brasilândia na pandemia do COVID-19: um breve panorama

“Vocês estão aqui para ver a muvuca da rua, né?”, assim pergunta uma moradora do bairro da Brasilândia para um repórter que vai até o local buscar depoimentos e registrar o dia a dia⁷, em época de pandemia da COVID-19, do quarto município mais populoso da cidade São Paulo. O distrito é dividido em 41 subdistritos ou bairros⁸ - sendo que a Serra da Cantareira ocupa grande parte do extremo norte da região - totalizando 21 quilômetros quadrados e estimativa de 264 mil habitantes⁹. Sua história remonta à década de 30, quando passa de área rural, composta principalmente por chácaras e sítios de cana de açúcar, para área residencial, desmembrada em lotes. Seu nome tem origem na atuação de um morador, o comerciante Brasília Simões, que liderou a construção da primeira igreja (Igreja de Santo Antônio). Na década de 50 e 60, o distrito recebeu grande quantidade de migrantes, do nordeste do país, e famílias, vindas do interior do Estado de São Paulo, em busca de oportunidades de trabalho. Em 1946, inicia-se a fase de grande venda de loteamentos pela família Bonilha, proprietária de uma olaria, que realiza a doação de tijolos para estimular as construções, apesar dos terrenos não contarem com nenhuma infraestrutura. Outro importante fator de ocupação e desenvolvimento da região como área urbana foi a construção da empresa Vega-Sopave, em 1947, que, ao instalar sua sede na Brasilândia, oferecia também moradias para seus funcionários, levando muitas famílias para o distrito¹⁰. A primeira linha de ônibus chegaria logo depois, em 1949¹¹.

Brasilândia já tem em sua história momentos de destaque, sendo utilizada como locação para grandes sucessos da televisão e do cinema, desde telenovelas até filmes nacionais e internacionais¹², mas agora é foco das atenções por apresentar os maiores índices de contaminação e morte por COVID-19, no município de São Paulo. Antes mesmo da escalada da doença caminhar para as regiões periféricas, Brasilândia

⁷ QUANTO vale a vida na Brasilândia? **CNN Brasil**, 11 maio 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/11/quanto-vale-a-vida-na-brasilandia-bairro-e-campeao-de-mortes-por-covid-19-em-sp>>. Acesso em: 28 maio 2020.

⁸ Jardim Maracanã; Parque Hollywood; Parque Itaberaba; Jardim Magali; Jardim Elísio; Jardim Alvorada; Jardim Almanara; Vila Elias Nigri; Jardim Irene; Vila Rica; Vila Penteado; Parque Pedroso; Vila Souza; Jardim Ondina; Jardim Ana Maria; Vila Ismênia; Parque Belém; Jardim Elisa Maria; Parque Tietê; Jardim Ladeira Rosa; Vila Terezinha; Vila Dulcina; Vila Isabel; Vila Áurea; Vila Nina; Jardim dos Guedes; Vila Serralheiro; Jardim do Tiro; Vila Itaberaba; Vila Icarai; Vila São João Batista; Vila São Joaquim; Jardim Paulistano; Jardim Carombé; Jardim Guarani; Jardim Princesa; Jardim Damasceno; Jardim Paraná; Jardim Vista Alegre; Jardim Recanto; Jardim dos Francos.

⁹ SÃO PAULO (SP). Subprefeitura Freguesia Brasilândia. **Histórico**: Conheça um pouco da história dos bairros da Freguesia do Ó e Vila Brasilândia. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/freguesia_brasilandia/historico/>. Acesso em: 28 maio 2020.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ PORTAL: Brasilândia z/n bairro de gente forte. (Facebook). Disponível em: <<https://www.facebook.com/BrasilandiaZnBairroDeGenteForte/photos/vila-brasil%C3%A2ndia-71-anoshoje-24012018-a-vila-brasil%C3%A2ndia-completa-71-anosna-comp/783852698469777/>>. Acesso em: 28 maio 2020.

¹² BRASILÂNDIA (distrito de São Paulo). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil%C3%A2ndia_\(distrito_de_S%C3%A3o_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil%C3%A2ndia_(distrito_de_S%C3%A3o_Paulo))>. Acesso em: 28 maio 2020.

apresentava a segunda maior proporção de residências em favelas (29,6%) e o quinto pior índice de emprego formal (4,7%), segundo Mapa da Desigualdade da Rede Nossa São Paulo¹³.

Situação socioeconômica

A Fundação Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos) elaborou o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social - IPVS, indicador este que tenta lançar luz sobre o fenômeno da pobreza, sua dimensão socioeconômica e concentração geográfica. Este índice, a fim de apontar a deterioração das condições de vida de uma comunidade, abrange, além da renda, outros fatores determinantes da situação de vulnerabilidade social, tais como: escolaridade, saúde, arranjo familiar, possibilidades de inserção no mercado de trabalho e acesso aos bens e serviços públicos. O IPVS possui uma escala que compreende sete grupos que vão de baixíssima a alta vulnerabilidade, sendo que o grupo 7 é específico apenas para as áreas rurais.

Dos 370 setores censitários (microáreas limitadas pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – para coleta das operações censitárias) do distrito de Brasilândia, 72 setores (19,5%) possuíam índice de vulnerabilidade Média, enquanto em 93 microáreas foi encontrado índice de vulnerabilidade Alta ou Muito Alta, representando 25,1% da totalidade do distrito. Estes índices de Média, Alta e Muito Alta vulnerabilidade somam 44,6% do total dos setores censitários de Brasilândia, demonstrando a relevante fragilidade socioeconômica da região, conforme destacado no recorte do Mapa da Vulnerabilidade Social, indicando, de forma georreferenciada, a concentração territorial dos grupos, principalmente daqueles com Alta e Muito Alta vulnerabilidade social nas áreas urbanas:



Elaboração: Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social - 2010¹⁴

O Cadastro Único (CadÚnico) consiste em um instrumento, governamental, de coleta de dados e informações que identificam as famílias que enfrentam situação de pobreza ou de extrema pobreza, a fim de incluir este segmento mais vulnerável em

¹³ REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da desigualdade 2019**. Disponível em: <<https://www.nossasaopaulo.org.br/2019/11/05/mapa-da-desigualdade-2019-c-lancado-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 28 maio 2020.

¹⁴ SÃO PAULO (SP). Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social no Município de São Paulo**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/servicos/Mapa_IPVS_por_Prefeituras_Regionais.jpg>. Acesso em: 27 maio 2020.

programas de assistência social e de redistribuição de renda. Esta ferramenta serve como base para a elaboração e operacionalização de políticas públicas sociais com o objetivo de diminuir os problemas a que estas famílias estão expostas.

Com relação à distribuição das famílias cadastradas no CadÚnico, Brasilândia ocupa a sexta posição entre os 96 distritos da capital de São Paulo, indicando um número expressivo de famílias em situação de pobreza ou de extrema pobreza. Podemos verificar na tabela os 10 primeiros distritos com o maior número de famílias cadastradas no CadÚnico, em janeiro de 2020:

**DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS CADASTRADAS
NO CADÚNICO, SEGUNDO DISTRITOS DO
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
JANEIRO DE 2020**

Posição	DISTRITOS	TOTAL DE FAMÍLIAS
1	Grajaú	70.534
2	Jardim Ângela	58.633
3	Cidade Ademar	44.711
4	Capão Redondo	42.822
5	Sapopemba	41.948
6	Brasilândia	41.036
7	Jardim São Luís	39.207
8	Itaim Paulista	38.667
9	Cidade Tiradentes	34.617
10	Campo Limpo	30.382

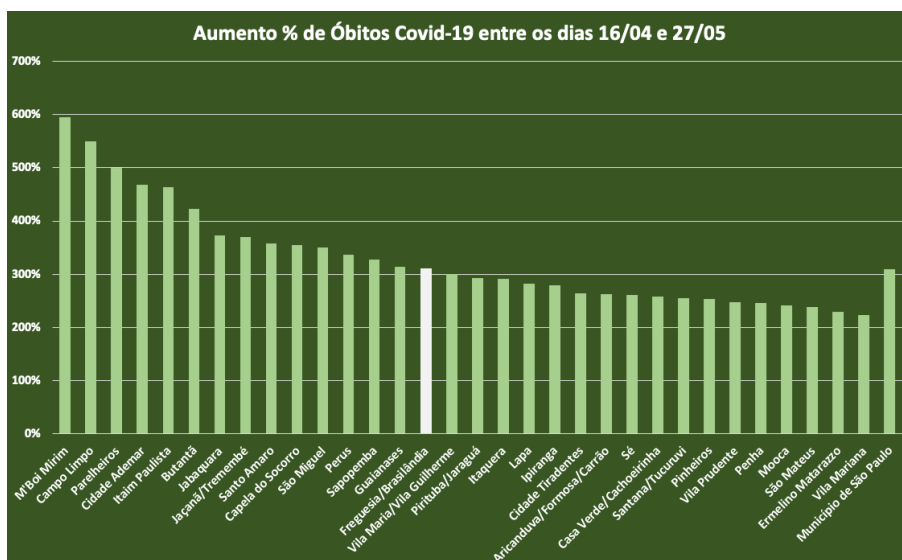
Fonte: Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social¹⁵

Pelo exposto, nota-se que Brasilândia possui um perfil socioeconômico muito suscetível, o que pode explicar, em parte, como a pandemia do COVID-19 impactou esta região de forma mais incisiva e abrangente.

Segundo o Relatório Situacional COVID-19¹⁶, do dia 29 de maio, os óbitos por COVID-19 (casos confirmados mais os casos suspeitos) na Freguesia/Brasilândia cresceram 311% entre os dias 16/04 e 27/05. A região da Freguesia/Brasilândia foi severamente atingida pelo início da pandemia, porém, ao final de maio outras localidades sofreram mais com o avanço do COVID-19, conforme destacado no gráfico:

¹⁵ Idem. Centro de Geoprocessamento e Estatística (CGEO). Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/observatorio_social/mapas/index.php?p=2012>. Acesso em: 27 maio 2020.

¹⁶ SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal da Saúde. Covid-19: relatório situacional. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/COVID19_Relatorio_Situacional_SMS_20200529.pdf>. Acesso em: 08 junho 2020.

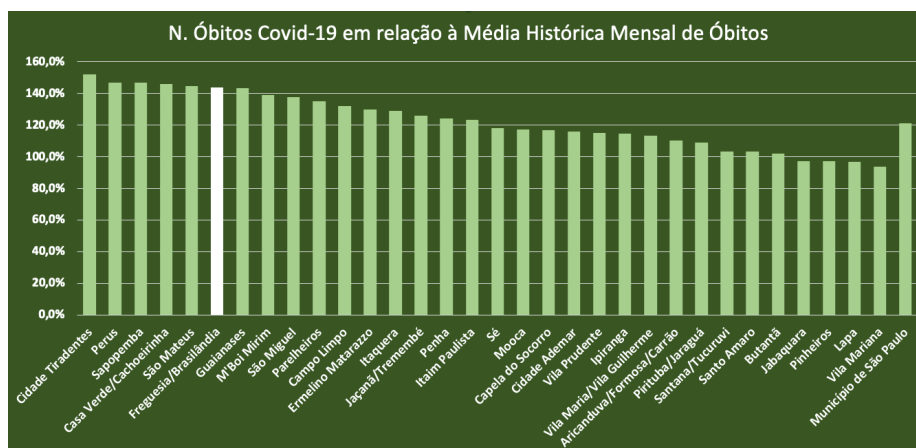


Fonte: Secretaria Municipal de Saúde (SIM/ProAim-SMS-SP)/ Relatório Situacional COVID-19 29/05/2020

O acompanhamento das estatísticas por Subprefeituras apresenta, como preocupação principal, que o número de mortes é expressivo, em relação às médias históricas, e assim tentar demonstrar que, apesar da letalidade da doença estar por volta de 0.8 ou 0.9, o seu impacto tende a ser muito alto se confrontado com as taxas de mortalidade históricas.

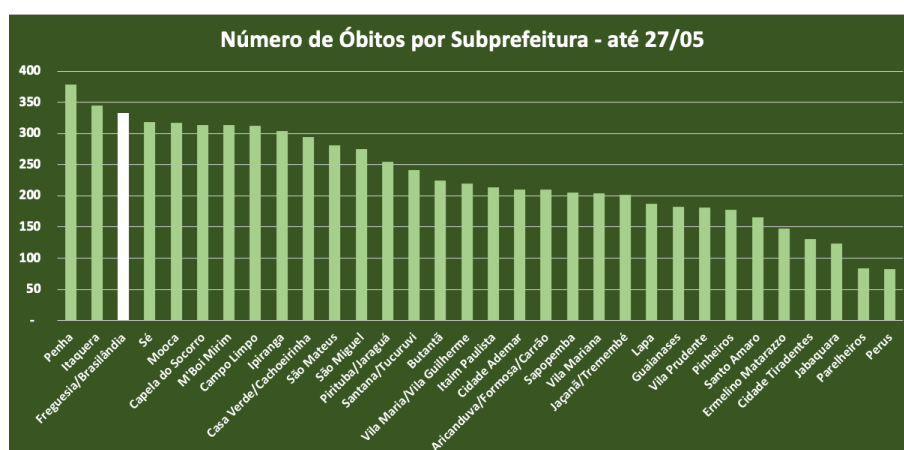
Os Boletins Diários e Quinzenais da Prefeitura de São Paulo mostram os números absolutos de óbitos por COVID-19, que duplicam/triplicam em períodos curtos de tempo, porém, o risco de se "acostumar" com tais ordens de grandeza deve ser afastado ao se comparar estes valores com as médias históricas concretas.

Foi calculada a média histórica mensal de óbitos por subprefeitura nos últimos seis anos (2013-2018) de forma a se ter uma noção de grandeza do que representa o número absoluto de mortes causadas pela pandemia. Em 27 de maio, o número de mortes por COVID-19 (casos confirmados mais os casos suspeitos) na subprefeitura de Brasilândia foi de 333, sendo que a média histórica mensal de óbitos para essa região era de 231 mortes. Portanto, até o dia 27 de maio, somente os óbitos por COVID-19 representaram 143,9% da mortalidade histórica mensal da região, ou seja, somente a pandemia corresponderá a quase um mês e meio a mais de óbitos que ocorrem nesse distrito todos os anos, de acordo com a tabela, que demonstra a relação entre o número de óbitos por COVID-19 e a média histórica mensal por subprefeitura:



Fonte: Secretaria Municipal de Saúde (SIM/ProAim-SMS-SP) – Relatório Situacional COVID-19 29/05/2020

Com relação ao número absoluto de óbitos (confirmados mais os casos suspeitos) divulgado por subprefeitura, a região da Freguesia/Brasilândia era a terceira mais atingida com 333 óbitos, ficando atrás apenas dos distritos de Penha e de Itaquera:



Fonte: Secretaria Municipal de Saúde (SIM/ProAim-SMS-SP) – Relatório Situacional COVID-19 29/05/2020

A razão para esta escalada de casos da doença é fruto de uma série de fatores e está em discussão tanto na mídia, quanto nas reuniões do poder público. Segundo a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, em parceria com o Observatório COVID-19, os mais pobres têm 62% de chances de morrer pela doença, e, de acordo com a prefeitura, o risco de morte é 10 vezes maior em regiões mais pobres da capital¹⁷, ou seja, a pandemia escancara a desigualdade da maior parcela da população, concentrada na periferia.

Na sequência de fatores que tornam os bairros periféricos mais propensos a surtos, com pouco controle da doença, pode-se observar o caminho que o vírus percorreu desde a sua inserção na cidade. Os primeiros indivíduos que tiveram contato com o vírus foram os pertencentes à classe alta e média, que viajaram para o exterior e retornaram ao país portando a contaminação. Os mesmos seriam trabalhadores formais, residentes em locais com maior renda per capita e localizados nas zonas centrais da cidade - situação oposta à apresentada em regiões como Brasilândia - onde se concentra o emprego da mão obra informal, oriunda da periferia, e, assim, por consequência, colocando a população mais carente, suscetível ao contato com o vírus, que passou a ser disseminado na região de sua moradia, ambiente insalubre propício para sua maior concentração.

Essa insalubridade não foi novidade ou surpresa para os pesquisadores da área médica, segundo relato de Beatriz Tess¹⁸, doutora em epidemiologia pela Faculdade de Londres e professora do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, pois os chamados Determinantes Sociais de Saúde (condições econômicas e sociais que afetam a saúde) apontavam exatamente para o quadro que hoje é visto em bairros da Brasilândia. Estes fatores levam em conta: a heterogeneidade da rede de atendimento hospitalar na cidade; o número de leitos de terapia intensiva e sua distribuição; a quantidade e localização das Unidades Básicas de Saúde (UBSs); e

¹⁷ SÃO PAULO (SP). Câmara Municipal. **Programa Decisões & Argumentos aborda impactos do novo coronavírus na periferia.** Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/programa-decisoes-argumentos-aborda-impactos-do-novo-coronavirus-na-periferia/>>. Acesso em: 28 maio 2020.

¹⁸ MOTTA, Daniel; MAURICIO, Talis. Brasilândia, bairro com mais mortes por Covid-19 em SP, mantém comércio aberto. **CNN Brasil**, (atualizado em) 11 maio 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/09/brasilandia-bairro-com-mais-mortes-por-covid-19-em-sp-mantem-comercio-aberto/>>. Acesso em: 28 maio 2020.

elementos desfavoráveis das condições básicas nos diferentes bairros. Este conjunto de aspectos aponta quais regiões vão ter mais casos de adoecimentos e maior gravidade dos quadros.

Muitos veículos de mídia foram até os bairros mais fortemente atingidos e optaram por registrar e veicular as condições dos moradores da Brasilândia, uma vez que sua posição no ranking de contaminação demonstra a situação que outros bairros, com o mesmo perfil estão enfrentando. Esses comunicadores registraram, em fotos e entrevistas, alta movimentação nas ruas; comércio funcionando sem autorização (barbearias, lojas de roupas e outros não considerados essenciais pelo poder público); crianças brincando nas ruas; diversas pessoas em situação de lazer (nos bares, nas praças e em outros locais de confraternização); atividades autônomas - os chamados “camelôs”; filas extensas para a entrada em estabelecimentos como açougues e outros, sem distanciamento social¹⁹.



Moradores da favela da Paz, na Vila Brasilândia, se aglomeram na viela, mesmo com três casos suspeitos e um confirmado de contaminação por COVID-19 na comunidade²⁰. Foto de José Cícero da Silva para a Agência Pública.

Esta realidade, comparada com a que é observada em bairros de maior concentração de renda (ruas quase vazias, bares fechados e o uso de máscaras em locais públicos) também chama a atenção dos comunicadores que foram em busca de respostas.

¹⁹ Informações encontradas nas seguintes reportagens:

BETIM, Felipe. No bairro campeão de mortes por COVID-19 em São Paulo moradores isolam seus idosos à espera de um hospital. **El País**, 05 maio 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-05-05/no-bairro-campeao-de-mortes-por-covid-19-em-sao-paulo-moradores-isolam-seus-idosos-a-espera-de-um-hospital.html>>. Acesso em: 28 maio 2020.

MOTTA, op. cit.

PANDEMIA avança nas periferias e pode ser um massacre para pobres. **Portal Vermelho**, 16 maio, 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/05/brasilandia-o-coronavirus-mora-ao-lado-mas-moradores-mantem-rotina/#Link1>>. Acesso em: 28 maio 2020.

QUANTO vale a vida na Brasilândia? Bairro é campeão de mortes por COVID-19 em SP. **CNN Brasil**, 11 maio, 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/11/quanto-vale-a-vida-na-brasilandia-bairro-e-campeao-de-mortes-por-covid-19-em-sp>>. Acesso em: 28 maio 2020.

SILVA, José Cícero da. Brasilândia: o coronavírus mora ao lado, mas moradores mantêm rotina. **Pública**, 05 maio, 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/05/brasilandia-o-coronavirus-mora-ao-lado-mas-moradores-mantem-rotina/#Link1>>. Acesso em: 28 maio 2020.

²⁰ SILVA, op. cit.

Iane Mendes, cineasta da periferia de Recife – que desenvolve seu trabalho com foco na adaptação da comunicação oficial para os moradores de favelas – aponta que as informações e os comunicados oficiais não espelham a vivência dos moradores da periferia. Para ela, o uso da hashtag “fique em casa” é quase uma violência para uma população que não possui condições financeiras, tão pouco, habitacionais para permanecer em casa, além dos métodos de prevenção orientados, como usar álcool gel e lavar as mãos constantemente, não ser uma possibilidade para moradores de baixa renda²¹. Esta observação poderia ser acrescida da falta de vínculo ou diálogo com a realidade linguística e cultural das comunicações do poder público com os bairros da periferia. A assistente social Mônica Kim constata a mesma característica nas propagandas do poder público para o combate ao vírus²². Para ela, mostrar vídeos da Itália com alguém tocando sanfona e cantando “é para quem pode”.

Para enfrentar esse espaço vago de comunicação deixado pelo poder público, moradores, ativistas e produtores culturais se organizam para criar produtos acessíveis que dialoguem com a norma social e a linguagem da região. Um exemplo são os vídeos gerados pela iniciativa “Corona na Quebrada”²³. Em um dos vídeos o locutor diz: “Na Europa, o fator de risco para as mortes de coronavírus foi a idade, no Brasil é o endereço...”, podemos ouvir em outro vídeo: “Rapaziada da quebrada, a gente tem que se ligar que corona é papo sério, não adianta a gente achar que tá boneco, que não vai pegar nada porque quando chegamo em casa, essa porra desse vírus tá na nossa ropa e em tudo que vem da rua...” Ao final dos vídeos o locutor é imperativo: “Sai da rua!”.

Ciro Barros, um dos realizadores do documentário “Não repare a bagunça”, que trata da questão da habitação na cidade de São Paulo, observou que, ao serem indagados sobre a necessidade de cuidados preventivos e isolamento, os moradores de ocupações e de habitações precárias e superlotadas, reproduziam falas do presidente Jair Bolsonaro no sentido da pandemia ser apenas uma gripezinha, não matar “tanto” e que discussões mais técnicas como achatamento da curva, formas de se evitar o colapso do sistema de saúde, grau de contágio maior que grau de letalidade, eram menos acessíveis aos entrevistados²⁴.

Na mesma direção, Talis Maurício, repórter que permaneceu dois dias na Brasilândia para entrevistas e registros do bairro²⁵, conclui que existe um choque de informações veiculadas e muitos moradores se mostraram confusos e declarando “não saber em quem confiar”. Este choque é relativo às informações conflitantes veiculadas pelo governo federal - no sentido de minimizar a pandemia e reabrir os comércios - e dos governos estadual e municipal, que orientam ao isolamento social. Isso é relatado na matéria de Ricardo Terto²⁶ ao entrevistar o morador Mário Gonçalves: “achava que era

²¹ TERTO, Ricardo; BARROS, Ciro; SILVA, José Cícero da. PODCAST coronavírus e os cuidados: ouça o segundo episódio do podcast “A vida nos tempos do corona” e reflita sobre os significados da palavra cuidado para quem não tem condições de se cuidar. **Pública**, 10 abr. 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/04/podcast-coronavirus-e-os-cuidados/>>. Acesso em: 28 maio 2020.

²² Ibidem.

²³ Informações localizadas nos seguintes materiais:

O CORONA tá na quebrada. (Youtube) Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=846E6baTWd0>>. Acesso em: 28 maio 2020.

NO BRASIL, a periferia é grupo de risco. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/alecavagnatriz/videos/10157042601121406/>>. Acesso em: 28 maio 2020.

²⁴ TERTO, op.cit.

²⁵ QUANTO vale a vida na Brasilândia? Bairro é campeão de mortes por Covid-19 em SP. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/11/quanto-vale-a-vida-na-brasilandia-bairro-e-campeao-de-mortes-por-covid-19-em-sp>>. Acesso em: 28 maio 2020.

²⁶ TERTO, op. cit.

uma gripezinha normal porque via na televisão que o ‘H1N1 mata mais que ela [COVID-19]’. Não sabia que o negócio era grave assim. A gente só sabe quando pega, né?”. O caso deste entrevistado é surpreendente como histórias pessoais de sobreviventes do vírus. Mário foi internado e recebeu a máscara de ventilação artificial, mas, como seu quadro não melhorava, os médicos fizeram menção à intubação. Segundo o morador, por ver outros pacientes serem entubados como último recurso e muitos morrerem, ele usou de um subterfúgio para que o procedimento não fosse realizado. Conta que das cinco vezes que viu os médicos se aproximarem na intenção de proceder à intubação, ele iniciou uma hiperventilação para que os níveis de oxigenação mostrassem melhora e os médicos mudassem de ideia. Sua tática deu certo: conseguiu “escapar” da intubação e se recuperou. Mas essa é uma história de exceção. Não existe esta recomendação na área médica e o próprio entrevistado adquiriu consciência da gravidade da doença e de seus riscos.

Outra constatação de Talis Maurício foi que o massivo uso do aplicativo WhatsApp acaba por gerar informações diversas, feitas de forma caseira e sem embasamento científico ou chancela oficial. Acrescendo a estes fatores, o descrédito com a gravidade da doença até que algum parente próximo fosse atingido, também foi relatado em mais de uma entrevista. Para o repórter e para Elaine Reis, agente de saúde de uma UBS de Brasilândia, a morte de parentes é a maior fonte de conhecimento e informação sobre os riscos letais da COVID-19. “O povo só acreditará quando acontecer com um ente querido. Essa é a realidade da população e a minha maior tristeza e indignação, pois estamos mostrando a todos que não é uma brincadeira, mas as pessoas estão agindo como se fosse”, desabafa Elaine²⁷.

Neste cenário de comunicação falha do poder público para com o perfil dos residentes em bairros menos atendidos e de um histórico anterior da falta desta comunicação e diálogo, iniciativas como carros de som e bicicletas adaptadas por funcionários de postos de saúde e por líderes comunitários são empregadas para informar e aumentar o grau de adesão ao isolamento²⁸. Na Brasilândia, funcionários da área da saúde fizeram paródias de músicas, amplamente conhecidas, e saíram pelo bairro com um carro de som para levar informação à população local. Francisco Lima, líder da associação de moradores roda com sua bicicleta adaptada, carinhosamente apelidada de Jurubeba, para colaborar na comunicação sobre a doença.

Verificada esta questão da comunicação ineficaz e em desacordo com a realidade das periferias, outro fator de extrema gravidade, que deve ser aclarado, é a necessidade de obtenção de renda diária para suas famílias. Como exposto anteriormente, Brasilândia tem o quinto pior índice de emprego formal da cidade, ou seja, os habitantes da região não têm garantia de rendimentos e nem reserva financeira, o que faz com que tenham que sair todos os dias de suas casas para sanar dívidas, manter o fornecimento de água e luz e comprar alimentos, remédios e outros itens de primeira necessidade. Em depoimento para reportagem filmada²⁹, “Seu Dejair”, que vive e trabalha como barbeiro na região e tem aberto ilegalmente seu estabelecimento e declara: “Tem nada em casa, tem que trabalhar,

²⁷ SILVA, José Cícero da. Brasilândia: o coronavírus mora ao lado, mas moradores mantêm rotina. **Pública**, 05 maio, 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/05/brasilandia-o-coronavirus-mora-ao-lado-mas-moradores-mantem-rotina/#Link1>>. Acesso em: 28 maio 2020.

²⁸ QUANTO vale a vida na Brasilândia? Bairro é campeão de mortes por COVID-19 em SP. **CNN Brasil**, 11 maio, 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/11/quanto-vale-a-vida-na-brasilandia-bairro-e-campeao-de-mortes-por-covid-19-em-sp>>. Acesso em: 28 maio 2020.

²⁹ MOTTA, Daniel; MAURICIO, Talis. Brasilândia, bairro com mais mortes por COVID-19 em SP, mantém comércio aberto. **CNN Brasil**, (atualizado em) 11 maio 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/09/brasilandia-bairro-com-mais-mortes-por-covid-19-em-sp-mantem-comercio-aberto>>. Acesso em: 28 maio 2020.

se não vai morrer de fome. As contas estão todas atrasadas, mês passado e esse mês. Se faltar minha luz, eu faço um gato, gato de água, gato de luz...”. Ele mora com a irmã e a sobrinha que são sustentadas pelo seu trabalho, sua clientela diminuiu 60% desde o começo da pandemia.

Um ambulante que vende controle remoto para televisores está nas ruas oferecendo seus produtos e deu seu depoimento para o repórter³⁰ afirmando que precisa trabalhar e estar nas ruas e caso tivesse que pegar o vírus, “apodreceria onde ele quisesse”. Dimas Reis, coordenador do Coletivo Preto Império³¹ usa a expressão “matar um leão por dia” para explicar a realidade destas pessoas, o que reflete a condição da maioria dos trabalhadores informais que necessitam dos rendimentos do dia para poder sanar as necessidades do imediatas. A dinâmica do pedreiro autônomo Ivanilson Ramos do Nascimento, de 47 anos, é um exemplo de como o trabalho o leva a sair de casa diariamente para garantir gêneros de primeira necessidade³². Ele presta serviços como pintor, pedreiro e electricista e antes da pandemia seu rendimento era em torno de dois mil reais mensais, hoje ele declara: “Não existe para mim trabalhar de casa. Meu serviço é braçal, né? Se eu não vou lá pessoalmente resolver, eu fico sem nada. Mas, hoje, não consigo nem quatrocentos reais por mês”. Ele mora com o pai aposentado de 77 anos, seu irmão e dois sobrinhos.

A questão do tamanho das moradias é bem relevante para compor o quadro que favorece o baixo isolamento social entre os residentes da Brasilândia e demais bairros periféricos. Muitos relatam que ficar em casa durante o dia não é viável por causa das condições insalubres associadas ao número de coabitantes. Uma cena bastante comum, ao caminhar pelas ruas destes locais, é avistar pessoas sentadas na calçada se socializando ou em atitude contemplativa. Somado à histórica falta de áreas de lazer e outros equipamentos como centros culturais, parques, centros de convivência ou áreas verdes em geral, estes habitantes não encontram conforto ou privacidade dentro de suas casas. É o que relata uma moradora abordada justamente nesta condição³³: “Não tem como se isolar de jeito nenhum, umas casas pequenas, pelo menos a minha é pequena e as da minha comunidade ali também, é tudo pequeno. Não existe isolamento na nossa comunidade e nem dentro das nossas casas, você sai do banheiro, dá de cara com o filho, sai da cozinha, dá de cara com outro filho, que isolamento é esse?”.

Neste cenário, o dia a dia das crianças não seria diferente. Com as casas diminutas, conforme relatado, a falta de infraestrutura e de atividades que possam ser realizadas dentro das moradias, as crianças e adolescentes são vistos nas ruas brincando. Ademais, normas sociais como portas sem tranca e livre fluxo de crianças entre as casas é observado pela assistente social Mônica Kim³⁴ como fator comprometedor da contenção de circulação.

³⁰ QUANTO, op. cit.

³¹ BETIM, Felipe. No bairro campeão de mortes por COVID-19 em São Paulo moradores isolam seus idosos à espera de um hospital. **El País**, 05 maio 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-05-05/no-bairro-campeao-de-mortes-por-covid-19-em-sao-paulo-moradores-isolam-seus-idosos-a-espera-de-um-hospital.html>. Acesso em: 28 maio 2020.

³² Ibidem.

³³ MOTTA, op. cit.

³⁴ TERTO, Ricardo; BARROS, Ciro; SILVA, José Cícero da. PODCAST coronavírus e os cuidados: ouça o segundo episódio do podcast “A vida nos tempos do corona” e reflita sobre os significados da palavra cuidado para quem não tem condições se cuidar. **Pública**, 10 abr. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/04/podcast-coronavirus-e-os-cuidados/>. Acesso em: 28 maio 2020.



Adolescentes e crianças brincam na Favela da Paz. Foto de José Cícero da Silva para a Agência Pública.

Como consequência destes fatores elencados - falha da comunicação oficial; alto índice de trabalho informal; moradias insalubres que levam ao aumento de casos de infecção e mortes por COVID-19 - pode-se observar o nascimento do medo do preconceito e da discriminação espalhando-se entre os moradores destas localidades, ampliando o receio da exposição (nos casos em que há portador do vírus na família, por exemplo) chegar a afetar o sustento do indivíduo. Um exemplo é o da entrevistada que pediu para não ser identificada. Proprietária de um sacolão na Brasilândia perdeu seu marido para a doença³⁵ e, ao ser indagada, responde que ele morreu de infarto, escondendo a informação da real causa de sua morte, pois isto poderia afastar seus clientes e ela sofreria *chacota* da comunidade.

Outra evidência de que possa estar havendo este receio da discriminação, em relação aos familiares de portadores do vírus é o caso de um seguidor do Portal da Brasilândia³⁶, página na rede social *Facebook* para divulgação de serviços e intercomunicação entre moradores locais: Fábio Melo postou um texto e uma foto explicando que seu avô, de 75 anos, tinha histórico de alcoolismo e sofria de Mal de Parkinson e foi levado ao hospital apresentando dificuldade para respirar falecendo por insuficiência respiratória, no dia 17 de maio. Segundo o relato na página, o laudo da *causa mortis* estava sendo redigido como óbito causado por COVID-19, o que foi questionado por Fábio e seu pai, presentes no momento, uma vez que o laudo do exame de detecção do vírus ainda não tinha sido apresentado. Na data de 23 de maio o resultado do exame ficou pronto e era negativo, sendo então registrada a causa da morte como insuficiência respiratória aguda. Em que pese a pertinência das indagações e a falta de precisão e de protocolo da equipe de saúde envolvida no caso - assim como a demonstração da real preocupação do morador em avisar a comunidade e levantar suspeitas quanto “ao interesse” de se registrar a causa da morte como COVID-19 para qualquer morte, no presente momento - Fábio demonstra preocupação em esclarecer para um grande número de pessoas que o vírus não estava presente em seu avô e que não existe relação direta ou comprovação de que ele e seu pai estejam contaminados.

³⁵ QUANTO vale a vida na Brasilândia? Bairro é campeão de mortes por COVID-19 em SP. **CNN Brasil**, 11 maio, 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/11/quanto-vale-a-vida-na-brasilandia-bairro-e-campeao-de-mortes-por-covid-19-em-sp>>. Acesso em: 28 maio 2020.

³⁶ PORTAL: Brasilândia z/n bairro de gente forte. (Facebook). Disponível em: <<https://www.facebook.com/BrasilandiaZnBairroDeGenteForte/>>. Acesso em: 30 maio 2020.

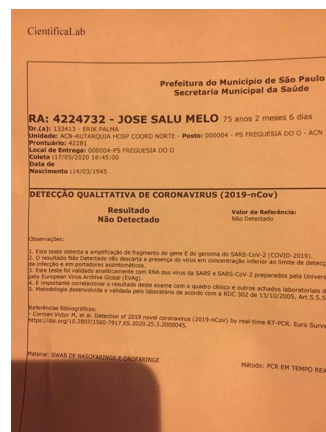


Foto do resultado do exame do avô postado na página do Facebook - Portal da Brasilândia

Na matéria publicada no jornal Folha de S. Paulo, no dia 21 de maio³⁷, apesar de se referir à periferia do extremo sul da capital paulistana, o mesmo fenômeno de receio com relação à discriminação pôde ser observado pelos repórteres: “No bairro vizinho, Vargem Grande, onde muita gente se conhece, muitos mantêm em sigilo quando estão infectados. Ali, já há três mortes contabilizadas por COVID-19, segundo agentes de saúde no bairro. Um deles era um motorista de ônibus de 31 anos”. Assim, é possível se identificar os mesmos fatores levantados: a baixa adesão ao isolamento; a descrença ou falta de informação consistente a respeito da doença; crianças e jovens em livre circulação; lazer nas ruas; filas nas casas lotéricas; e comércio funcionando normalmente de modo geral.

Saúde

A rede de atendimento em Saúde na região da Brasilândia conta atualmente com 32 equipamentos de saúde, sendo: 17 Unidades Básicas de Saúde (UBS), 1 Ambulatório de Especialidades (AE), 1 Hospital Dia (Rede Hora Certa Brasilândia), o Pronto-Socorro 21 de Junho, 3 AMAS (Assistência Médica Ambulatorial), 1 Centro de Reabilitação (CER II) e 1 Unidade de Vigilância em Saúde (UVIS). Das 17 UBS da região, 13 atuam com Equipes Estratégia Saúde da Família (ESF), com o total de 75 equipes³⁸. Como o número de casos na região teve um aumento expressivo, o Hospital da Brasilândia foi finalizado e entregue no dia 11 de maio, porém, com somente vinte leitos de UTI dos cento e cinquenta que estavam previstos para o atendimento exclusivo aos pacientes com COVID-19. A entrada nesta primeira ala entregue não é direta, os usuários são encaminhados por outras unidades de saúde, como as UBSs (Unidades Básicas de Saúde)³⁹.

³⁷ RODRIGUES, Artur; ALMEIDA, Lalo de. No extremo sul de SP, filas se multiplicam, festival atrai crianças e mortes por coronavírus aceleram. **Folha de S. Paulo**, 21 maio 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/no-extremo-sul-de-sp-filas-se-multiplicam-festival-atrai-criancas-e-mortes-por-coronavirus-aceleram.shtml>>. Acesso em: 28 maio 2020.

³⁸ SÃO PAULO (SP). Subprefeitura Freguesia Brasilândia. **Operação COVID-19**: boletim das últimas ações na região. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/freguesia_brasilandia/noticias/index.php?p=104655>. Acesso em: 27 maio 2020.

³⁹ QUEIROZ, Claudinei. Após cinco anos, prefeitura inaugura 20 leitos de UTI em novo hospital na Brasilândia. **Agora**, 11 maio 2020. Disponível em: <<https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/05/prefeitura-de-sao-paulo-inaugura-20-leitos-de-uti-em-novo-hospital-na-brasilandia.shtml>>. Acesso em: 28 maio 2020.

Na reunião virtual, realizada em 26 de maio, entre o secretário de saúde da cidade de São Paulo, Edson Aparecido, e as lideranças comunitárias e os movimentos sociais da periferia, foram levantadas demandas para a construção de Hospitais de Campanha, tendas de atendimento e testagem em larga escala na periferia. O secretário declarou que, pela experiência da pasta com o isolamento social em equipamentos como o CEU (Centro Educacional Unificado) no bairro de Paraisópolis, a adesão a este tipo de isolamento é baixa, pois os infectados apresentam resistência em deixar suas famílias e moradias. Acrescenta, ainda, que este isolamento deve ser realizado pela Secretaria de Assistência Social e não pela Secretaria de Saúde. Segundo o secretário, a pasta está adquirindo leitos de UTI (Unidade de Terapia Intensiva) em hospitais particulares ao preço mínimo diário de dois mil e cem reais, já incluso o serviço de atendimento médico, equipe, insumos e exames. Com relação ao *lockdown* (medida restritiva de circulação) o secretário afirmou a impossibilidade de tal medida uma vez que a força policial, necessária para a fiscalização e efetivação desta operação, é prerrogativa do Estado e não do município, estando desta forma, fora de questão este tipo de medida.

Edson apresentou o cenário da movimentação da doença, dentro e fora da cidade de São Paulo, descrevendo sua inserção pelas classes mais abastadas e centrais, caminhando depois para a periferia e, segundo o secretário, estaríamos neste momento (semana de vinte e quatro de maio) enfrentando o pico da doença na cidade, com tendência de queda para as próximas semanas, sendo que os casos passam a aumentar na baixada santista e interior. Para ele, o município de São Paulo hoje atende não só seus habitantes, mas inclusive migrantes de outras regiões do Brasil que estariam vendendo seus pertences, como seus carros particulares, para virem à cidade em busca de atendimento e tratamento. Com relação à construção de Hospitais de Campanha, o secretário sinalizou que foram iniciadas conversas com o governo federal sobre o auxílio financeiro, porém, com a saída do Ministro da Saúde, tiveram que ser interrompidas. Informou também que carros de som da prefeitura têm percorrido as periferias com mensagens e informações para incentivar o isolamento domiciliar, além das equipes do programa Saúde da Família e do quadro de trabalhadores da área de saúde estar nas ruas para a orientação à população. Para o secretário, o isolamento feito até hoje tem apresentado resultado e o sistema de saúde que, daria mostras de ficar “estrangulado” há quinze dias, atualmente apresenta bom desempenho e capacidade de atendimento com as medidas tomadas pela prefeitura.

Entretanto, não se manifestou com relação às demais medidas possíveis para aumentar o isolamento nas periferias e reconheceu que o número de pessoas que coabitam na mesma residência é um impedimento para o resultado satisfatório da medida. Para finalizar, expôs que a pandemia deixará um legado permanente: doze mil profissionais contratados na área da saúde; novos equipamentos; construção, reformas e reativação de hospitais, como é o caso do Hospital da Brasilândia; e ainda chamou a atenção para a importância do reconhecimento do SUS (Sistema único de Saúde) e dos investimentos na área de saúde.

Educação

Na cidade de São Paulo, como medida para a continuidade dos estudos pelo corpo discente, a Secretaria Municipal de Educação elaborou os seguintes materiais:

- Dois cadernos para a Educação Infantil: sendo um para crianças de 0 a 3 anos e outro para crianças de 4 a 5 anos. Este material apresenta possibilidades de interação e brincadeiras, com montagem de brinquedos e jogos e indicações de

leitura, que complementam e auxiliam nos processos de aprendizagem dos bebês e das crianças pequenas;

- Nove cadernos, um para cada ano do Ensino Fundamental. Os materiais foram divididos em quatro eixos: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Humanas e Ciências Naturais;
- Dois cadernos para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, com atividades equivalentes às etapas da EJA;
- Um caderno para quem cursa o Ensino Médio, seguindo as diretrizes do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e voltado para as atualidades. Seu conteúdo é dividido nas quatro áreas do conhecimento (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Matemática e suas Tecnologias; Linguagens e suas Tecnologias e Ciências da Natureza e suas Tecnologias).

Somado a estes materiais impressos (que foram enviados pelo correio para as casas dos estudantes ou retirados na unidade escolar, quando da impossibilidade da entrega) foi lançado um aplicativo para celular e aulas também serão transmitidas pela Fundação Padre Anchieta - TV Cultura - e pela internet.

O grande debate na literatura especializada e entre estudiosos e profissionais da educação, que começou a ser travado durante a pandemia, aponta para preocupações em comum: as desigualdades no acesso à educação remota e o enfrentamento destas, concomitantemente ao desafio de desenvolvimento de novos saberes pedagógicos no campo das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) e a manutenção dos investimentos em educação pública no país.

Alexsandro Santos (pós doutorando em Administração Pública e Governo (FGV), coordenador do curso de Pedagogia FEDUC e presidente-diretor da Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo) em seu artigo (Impactos da COVID – 19 na agenda de políticas educacionais)⁴⁰, cita a meta-análise de Cornelius Riordan que descreve como o mesmo período de afastamento escolar entre estudantes vulneráveis e não vulneráveis acarreta em diferentes perdas no sentido de desenvolvimento da aprendizagem. Isso se deveria ao fato do capital cultural nas famílias de maior ou menor renda, onde os níveis educacionais se diferem, minimizar as consequências do afastamento escolar, como, por exemplo, a defasagem no desenvolvimento do estudante. Esta defasagem pode ser vista no artigo de Rodrigo Zeidan⁴¹, professor da New York University Shanghai (China) e da Fundação Dom Cabral, no qual discorre sobre o custo de oportunidade nesta equação. Em um mercado competitivo, o aluno mais vulnerável ingressa mais tarde, ou nem ingressa, no mercado de trabalho, desta forma a desigualdade na continuidade dos estudos terá consequências negativas para o estudante mais pobre e refletirá na recuperação econômica no mundo pós-pandemia. Para uma visualização rápida do quão desigual é o acesso aos bens de tecnologia nas residências brasileiras, pesquisas realizadas pelo CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) e pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) revelam que um terço das residências brasileiras não possuía conexão com internet de banda larga em

⁴⁰ SANTOS, Alexsandro et al. Impactos da COVID-19 na agenda de políticas educacionais (2). **O Estadão**, São Paulo, 26 abr. 2020. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/impactos-da-covid-19-na-agenda-de-politicas-educacionais/>>. Acesso em: 27 maio 2020.

⁴¹ ZEIDAN, Rodrigo. Falta de educação: se o MEC fizesse seu trabalho, alunos teriam plano de dados para aulas no celular. **Folha de S. Paulo**, 30 maio 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/rodrigo-zeidan/2020/05/falta-de-educacao.shtml>>. Acesso em 01 junho 2020.

2017 e que enquanto 90% da população das classes A e B demonstrava uso intensivo e diversificado da internet, essa taxa era de 42% nas classes D e E⁴².

O sistema educacional como um todo, principalmente o sistema público, experimentava baixo investimento em estudo, formação e desenvolvimento de novos saberes e práticas pedagógicas mediadas pelas TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), acrescido da resistência entre os docentes e gestores da educação antes da pandemia. A defesa da educação presencial como prioritária e merecedora de proteção frente à ameaça de um mundo virtual frio e distante, permaneceu em circulação nas escolas desde o começo do século XXI, como descreve Jayson Magno da Silva⁴³. Comum entre profissionais e estudiosos da área é a leitura de que a crise sanitária, causada pelo COVID-19, proporciona abertura para novas oportunidades na educação. Para Jayson, não só a ferramenta e sua técnica de produção devem ser levadas em consideração neste cenário, mas antes a inovação curricular entendendo que aluno e professor são sujeitos e autores da construção do conhecimento e que as vozes dos diversos atores educacionais compõem a mudança estrutural nas escolas. Desta forma, a conexão e o acesso não colocam um ponto final na discussão sobre a educação remota.

A organização não governamental, Todos pela Educação, explicita, em documento intitulado Nota Técnica - Ensino à Distância na Educação Básica Frente à Pandemia da COVID-19⁴⁴, que “Ensino remoto não é só aula online. Há diferentes maneiras de estimular a aprendizagem à distância que, se bem estruturadas, podem cumprir mais do que uma função puramente acadêmica”.

Estudos e levantamentos apontam para horizontes comuns enquanto professores da rede pública começam a utilizar as ferramentas disponíveis e com isso passam a familiarizar-se com as tecnologias e linguagens disponíveis. O rádio e a televisão, e não somente o computador e o celular, vêm ganhando destaque nesse contexto. Paula Sperb e Ícaro Carvalho em reportagem para a Folha de S. Paulo⁴⁵ chamam atenção para experiências no Maranhão, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e Santa Catarina com a transmissão via rádio. Nos quatro estados foi possível identificar que esta mídia tem maior possibilidade de acesso pelos estudantes em cidades distantes das metrópoles ou grandes centros urbanos e que oferece possibilidades pedagógicas imediatas para sanar o fechamento temporário das escolas.

A resposta rápida cobrada tanto pela sociedade quanto pelo poder público foi sentida por todos os profissionais da rede de educação, porém o desafio da educação remota para os gestores e docentes teve maior impacto. Na cidade de São Paulo, o SINPEEM (Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo) em nota no seu site, comunica: “Apontamos que a grande diversidade e as desigualdades

⁴² CETIC. **TIC Domicílios**: 2017. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2017/domicilios/>>. Acesso em: 30 maio 2020.

⁴³ SILVA, Jayson Magno da. A escola e o currículo em tempos de pandemia e distanciamento social. **Revista Mais Educação**, São Caetano do Sul, SP. Disponível em: <<https://www.revistamaiseducacao.com/artigosv3-n3-maio-2020/14>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

⁴⁴ TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Educação na pandemia**: resumo das principais contribuições do Todos Pela Educação para qualificar o debate e subsidiar o poder público - nota técnica ensino à distância na educação básica frente a pandemia da COVID-19 divulgada em: 08/04/2020. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/435.pdf?332017204>>. Acesso em: 29 maio 2020.

⁴⁵ SPERB, Paula; CARVALHO, Ícaro. ESCOLAS usam rádio para levar conteúdo a estudantes de todo o país: iniciativas de redes públicas de educação ajudam alunos sem internet a acompanhar aulas. **Folha de S. Paulo**, 29 maio 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/05/escolas-usam-radio-para-levar-conteudo-a-estudantes-de-todo-o-pais.shtml>>. Acesso em: 28 maio 2020.

sociais presentes na rede municipal de ensino, bem como a quantidade de tarefas atribuídas aos gestores e docentes para a preparação dos ambientes virtuais, planejamento, compartilhamento, acompanhamento, elaboração e entrega de relatórios, devem ser consideradas como fatores que dificultam e/ou inviabilizam o que a SME [Secretaria Municipal de Educação] estabeleceu. O tempo para a criação das estruturas necessárias e organização, de 13 a 15/04, é curto demais, ainda que tenha aumentado um dia, além do indicado inicialmente na minuta da SME.”⁴⁶.

Vale ainda ressaltar que em época de enfrentamento à COVID-19 surgem as dificuldades financeiras que as redes de educação enfrentam para a manutenção dos processos de ensino-aprendizagem. O Instituto Unibanco em parceria com a ONG “Todos pela Educação” realizou estudo do impacto econômico da pandemia nos investimentos em educação. Segundo o documento⁴⁷, as redes estaduais devem perder entre R\$ 9 bilhões e R\$ 28 bilhões em tributos vinculados à MDE (Manutenção e Desenvolvimento do Ensino), a depender do cenário de crise econômica. Paralelamente, um levantamento com 22 redes estaduais de educação, identificou que 95% destas unidades da Federação já adotaram entre 5 e 15 soluções para o enfrentamento das consequências da pandemia, gerando um custo adicional de pelo menos R\$ 2 bilhões para 2020. São sobretudo gastos com a implementação do ensino remoto e com o oferecimento de alimentação aos alunos durante a suspensão das aulas presenciais. Um estudo referente às redes municipais está em andamento pela mesma ONG, mas como cenário do investimento nas práticas pedagógicas remotas podemos atentar para as seguintes diferenças:⁴⁸

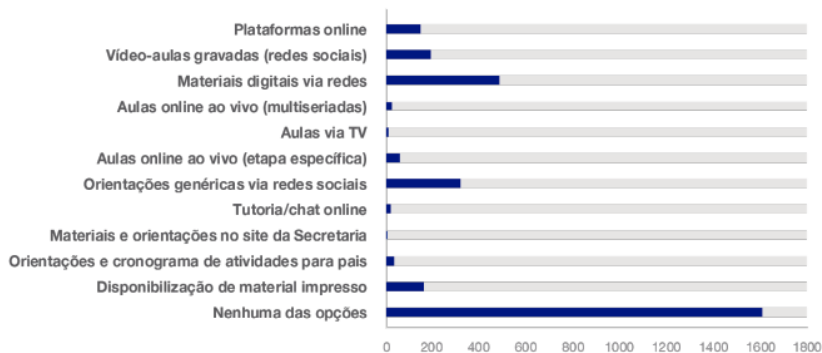


⁴⁶ SIMPEEM Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal SP. **09/04/2020 - Fim do recesso e Instrução Normativa sobre aulas não presenciais**. Disponível em: <https://www.sinpeem.com.br/lermais_materias.php?cd_materias=12586&codant=312&hl=escolares&cd_secao=82&busca=1>. Acesso em: 29 maio 2020

⁴⁷ TODOS PELA EDUCAÇÃO. **COVID-19, impacto fiscal na educação básica**: o cenário de receitas e despesas nas redes de educação em 2020. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/449.pdf?181895214=&utm_source=site-content&utm_campaign=lancamento>. Acesso em: 29 maio 2020.

⁴⁸ Idem. **Análise: ensino à distância na educação básica frente à pandemia da COVID-19**. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/425.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2020.

1.2 ESTRATÉGIAS DAS REDES MUNICIPAIS ATÉ O MOMENTO



Desta forma, a cidade e mais especificamente a periferia de São Paulo enfrenta obstáculos e desafios em diferentes frentes no que se refere à saúde e à educação e o futuro pós-pandemia depende das medidas empreendidas durante este período de crise.

Proximidade com o dia a dia na região da Brasilândia

Seja em horizontes privilegiados ou nos lugares de profunda desigualdade socioeconômica, a pandemia do coronavírus COVID-19 transformou a relação do ensino-aprendizagem em todo o mundo. A comunidade escolar: sala, quadro negro, carteiras, alunos, professores, funcionários, parques... alcançou um novo cenário de instabilidade, medo, incerteza e vazio.

Em decorrência deste cenário, os Conselhos Estaduais de Educação de diversos estados e vários Conselhos Municipais de Educação emitiram resoluções e/ou pareceres⁴⁹ orientando as instituições de ensino, pertencentes aos seus respectivos sistemas, sobre a reorganização do calendário escolar e o uso de atividades não presenciais.

Desta maneira, estava posta a situação: o “melhor remédio”, o “isolamento social”... Mas como garantir a continuidade das atividades escolares sem o principal mecanismo da educação, “a interação”? Como administrar tempo e espaço no contexto sócio educacional sem a presença física do mediador e do aluno?

E assim, não mais que de repente, houve a necessidade de se reinventar⁵⁰ as práticas, o fazer pedagógico e um novo currículo que atendesse as demandas escolares e toda a comunidade.

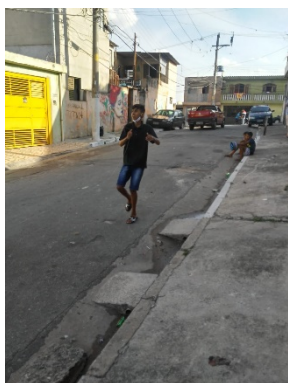
A situação foi declinando, as medidas de segurança e saúde foram se acirrando e as atividades escolares sem previsão de retorno, e carecia urgentemente de estratégias para a redução da defasagem escolar provocada pela suspensão das aulas.

⁴⁹ ANTUNES, André. As redes municipais de educação diante da pandemia. **FIOCRUZ**, 06 abr. 2020. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/redes-municipais-de-educacao-diante-da-pandemia>>. Acesso em: 28 maio 2020.

⁵⁰ FERREIRA, Luiz Claudio. Dia da Educação: especialistas explicam desafios do ensino durante e pós-pandemia. **Portal EBC**, Empresa Brasil de Comunicação, 28 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.ebc.com.br/educacao/2020/04/dia-da-educacao-especialistas-explicam-desafios-do-ensino-durante-e-pos-pandemia>>. Acesso em: 28 maio 2020.

Cabe ressaltar que a Diretoria Regional de Educação Freguesia/Brasilândia tem sob os seus cuidados 300 unidades escolares que atendem desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, sendo 100 diretas e 200 parceiras (conveniadas)⁵¹.

Diante dos inúmeros efeitos negativos do distanciamento do espaço escolar, o ensino à distância tinha que acontecer impreterivelmente, mesmo com lacunas de diversas naturezas como a desigualdade social, econômica e cultural que provavelmente irá acentuar uma defasagem maior do que a já existente na área educacional.



Rua Digo de Silves no Morro Grande. Crianças brincam livremente sem proteção. Foto por Leandra Cruz em 20/05/2020



Av. Michihisa Murata na Estrada do Sabão. Espaço denominado Clube Fazendinha, próximo ao Hospital V. Brasilândia. Aglomeração de adolescentes. Foto por Leandra Cruz em 04/06/20.⁵²



Travessa Bacajai na V. Brasilândia. Reuniões para brincar e conversar. Foto por Michelle, moradora e mãe.

Acompanhando diariamente as mídias e o crescente número de infectados na região da Vila Brasilândia, território periférico e de grande concentração de escolas públicas, verificou se certa inquietação quanto à rotina e desenvolvimento das atividades escolares dessas crianças e adolescentes. Como os alunos estariam conciliando os horários de estudo na periferia, uma vez que as imagens nos apontam a concentração destes alunos nas ruas e em situação de vulnerabilidade? Qual o efetivo acompanhamento pelos seus familiares, na sua vida escolar?

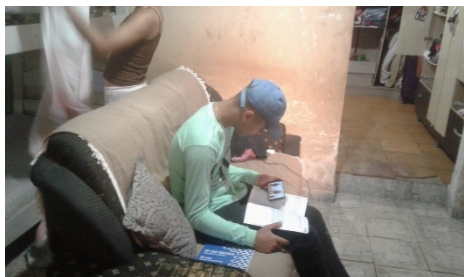
A fim de se verificar quais as principais dificuldades que os responsáveis por estes escolares encontram diante da situação apresentada, foram realizados contatos (via Whatsapp) para a coleta de relatos e igualmente foi feito com alguns profissionais envolvidos neste cenário.

“Infelizmente o que tenho visto nas redondezas é ‘um agrupamento social e não um isolamento social’”, assim nos relata Djanira, moradora da Vila Terezinha, Brasilândia. Segundo ela, está sendo muito difícil conciliar o trabalho e as crianças em casa, tem três filhos (dois adolescentes e uma criança de 09 anos). Embora tenham recebido a apostila da prefeitura “ou melhor, fomos até a escola buscar, o acesso para

⁵¹ SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. **Diretoria Regional de Educação Freguesia/Brasilândia**. Disponível em: <<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/category/diretoria-regional-de-educacao-freguesia-brasilandia/>>. Acesso em: 30 maio 2020.

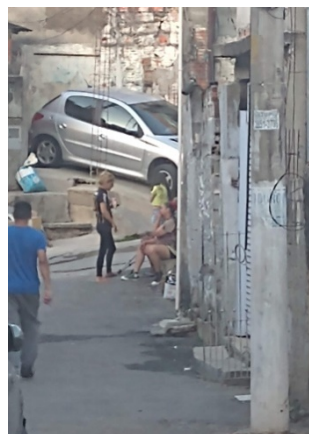
⁵² Segundo depoimentos, este espaço fica repleto de crianças da comunidade. É um local de invasão que as crianças utilizam na falta de quintal em casa.

as aulas, online é muito complicado. Meu filho menor só utiliza o caderno de atividades. Com a ajuda da minha filha mais velha ele consegue realizar duas matérias por dia, mas não sabemos se fez certo ou errado, porque ela tem dificuldades para ensiná-lo, e eu de verdade não tenho tempo, estou trabalhando todos os dias e sou sozinha para cuidar deles. O adolescente é bem complicado, porque ele nunca foi fã dos estudos, mas eu sempre obriguei e nunca deixei meus filhos sem escola. O Erick consertou um celular que o tio emprestou e está acompanhando as aulas online, mas sei que é bem pouco. Ele reclama muito que o aplicativo trava, que a internet é ruim, mas eu não tenho condições de fazer assinatura e não consigo segurá-lo por muito tempo dentro de casa. Eles adoram sentar nas calçadas e fazer rodinhas.”



Erick, aluno do 8ºano de escola pública na Vila Terezinha/Brasilândia. Estuda quando consegue acessar a plataforma online, porém não consegue assimilar o conteúdo. “As aulas travam e o aplicativo não roda. Só alguns professores disponibilizaram o número de Whatsapp para esclarecer dúvidas”, mas nem sempre obtém as respostas.

Assim entendemos o desabafo da moradora ao ser questionada quanto às medidas para o “isolamento social”.



“Agrupamento social” – Este é o cenário dos jovens na periferia da V.Brasilândia.



Pedro (escola privada)



Mateus (escola pública)

Pedro e Mateus são estudantes residentes na Vila Brasilândia, porém vemos duas realidades distintas. Conforme nos apontam os registros, são mães preocupadas com o ensino dos seus filhos, tentando administrar o tempo entre o trabalho e a aprendizagem. Michelle está muito preocupada, pois não consegue acessar o aplicativo Google Classroom, disponibilizado pela prefeitura de São Paulo, para a realização das atividades do filho. Seu celular é um modelo muito básico, não permitindo a instalação do aplicativo, e não tem notebook. Então foi até à unidade escolar buscar a apostila, mas confessa que tem muita dificuldade para ajudá-lo, pois está fora da escola há muito tempo. “Confesso que estamos tomando alguns cuidados, mas é impossível manter uma criança 24 horas dentro de casa, moramos em uma viela. Eles não vão à escola, mas eles brincam juntos com outras crianças porque a escola é na rua de baixo da minha casa, e a maioria mora perto.”

Régia é enfermeira e está com uma rotina bastante estressante, mas sabe que neste momento seu único filho Pedro está precisando dela mais ainda, porque além de mãe, está desempenhando o papel de professora desde o mês de março. “Já tínhamos o hábito de estudo, mas agora intensificou, são mais horas e nossa rotina está de cabeça para baixo, estou muito preocupada com o ano letivo”.

Para tanto, é imprescindível observarmos a diferença entre a rede privada e a rede pública, mesmo nas regiões periféricas. Conforme o apontamento redigido na nota técnica Ensino à Distância na Educação Básica Frente à Pandemia da COVID-19⁵³, as estratégias de ensino remoto, por mais importantes que sejam no atual contexto, têm limitações e não atendem a todas as crianças e jovens brasileiros da mesma forma.

Márcia, professora da rede pública e moradora do Distrito de Brasilândia, entende que o “ensino à distância por si só não basta para garantir a construção do conhecimento se o ‘nosso aluno’ muitas vezes não tem nenhum instrumento que lhe possibilite o acesso a essa gama de informações. Nós, professores, estamos nos reinventando, descobrindo nossas dificuldades com as mídias, como lidar com tantas ferramentas e fazer com que o conteúdo chegue até àquele aluno de forma significativa. Nosso universo é muito diferenciado, a maioria dos alunos não tem acesso à internet... os familiares às vezes não tem um celular que permite baixar aplicativos... além das questões históricas e culturais de que, infelizmente, a prioridade é o no campo assistencial e não nos estudos”.

O que muitas famílias, principalmente dos alunos da educação infantil, nos expõem é a necessidade de ter um espaço onde a criança possa estar para se alimentar e brincar enquanto os pais trabalham. Sendo assim, a suspensão das aulas tem sido um grande transtorno para estas famílias.

O CCA - Centro para Crianças e Adolescentes⁵⁴, localizado no bairro, conhece bem o impacto deste isolamento para as crianças. “Nós atendemos no contra turno, meio período eles frequentam a escola regular e a outra metade do dia eles ficam aqui, justamente para não estarem expostos nas ruas. Fazemos as refeições, atividades

⁵³ TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Educação na pandemia**: resumo das principais contribuições do Todos Pela Educação para qualificar o debate e subsidiar o poder público - nota técnica ensino à distância na educação básica frente a pandemia da COVID-19 divulgada em: 08/04/2020. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/435.pdf?332017204>>. Acesso em: 29 maio 2020.

⁵⁴ SÃO PAULO (SP). Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. **Centro para Crianças e Adolescentes (CCA)**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/index.php?p=159208>. Acesso em: 28 maio 2020.

lúdicas, esportivas e as atividades escolares. Neste período estamos atendendo as famílias cadastradas no serviço social. O que estamos recendo de doações, entramos em contato com estes familiares e entregamos os kits: de alimentação, de higiene e até de matérias pedagógicas para distrair as crianças em casa”.

E assim: “De um dia para o outro, montamos todo um sistema de educação obrigatória à distância, com o intuito de continuar o trabalho de lecionar. Utilizamos ferramentas, as quais de verdade não domino. Tenho 57 anos, e não tenho vergonha de dizer que amo a sala de aula e não me sinto a vontade neste momento, pois tropeço nas minhas dificuldades, não consigo ajudar meus alunos direito. Os grupos no Whatsapp não param, dia e noite recebo mensagens. Muitos acreditam que estamos à disposição o tempo inteiro para tirar dúvidas e ouvir reclamações. Fomos obrigadas a disponibilizar o nosso número pessoal e a minha casa hoje está exposta: mil e-mails para responder... chefia, alunos, pais... preparar aula, corrigir atividades, ah! Correr para atender a chamada de vídeo, momento de reunião, hora de estudo com a Coordenadora Pedagógica...”(silêncio) Com a voz embargada a senhora Lucia Helena pede desculpas pelo desabafo... “Está difícil tanto emocionalmente quanto fisicamente, o que eu vou fazer com aquele aluno que até os dias de hoje não me apresentou nada, não acessou uma aula? Sabendo eu, que a criança vive uma desestrutura familiar. Eu moro aqui, e da minha janela vejo muitos deles empinando pipas, correndo nas ruas, brincando na pracinha”.



Aluno da escola pública 04/06/20.

Em tempos de pandemia este é o retrato da criança na periferia da V. Brasília.

Entre o real e o burocrático cabe ressaltar que, o CNE⁵⁵ (Conselho Nacional de Educação) sugere que estados e municípios busquem alternativas para minimizar a necessidade de reposição presencial de dias letivos, a fim de permitir que seja mantido um fluxo de atividades escolares aos estudantes enquanto durar a situação de emergência.

Para repor a carga horária, ao fim do período de emergência, a sugestão é a utilização de períodos não previstos como o recesso escolar do meio do ano, os sábados e a reprogramação de períodos de férias. A ampliação da jornada escolar diária por meio de acréscimo de horas em um turno ou utilização do contraturno para atividades escolares também são alternativas que podem ser consideradas.

Além disso, o CNE (Conselho Nacional de Educação) autorizou os sistemas de ensino a computar atividades não presenciais para o cumprimento de carga horária - de acordo com a deliberação própria de cada sistema - e listou uma série de atividades não

⁵⁵ BRASIL. MEC orienta instituições sobre ensino durante pandemia: para repor aulas após isolamento social, algumas das recomendações são: reprogramação de férias e utilização dos sábados. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/06/mec-orienta-instituicoes-sobre-ensino-durante-pandemia>>. Acesso em 05 jun. 2020.

presenciais que podem ser utilizadas pelas redes de ensino durante a pandemia. Meios digitais, vídeo aulas, plataformas virtuais, redes sociais, programas de televisão ou rádio, material didático impresso e entregue aos pais ou responsáveis são algumas das alternativas sugeridas.

Neste sentido cabe salientar a preocupação da senhora Tatiane Soares mãe de gêmeos cursando o 4º ano da escola pública, localizada na Estrada do Sabão, Vila Brasilândia, que está muito preocupada com essa questão do cumprimento de carga horária, ou seja, como os filhos irão ter presença diária se ela só tem um celular? Pois, quando a plataforma é acessada, é solicitado o registro do aluno (RA), o que acredita ser a forma de controlarem a presença e a efetivação das atividades, assim, um dia insere o RA de um filho, no outro dia acessa com o RA do outro filho. Desta forma, algum deles sempre terá falta. Apresenta-se estar muito nervosa para conseguir conciliar tudo isso e já questionou à escola quanto a esse problema de presença/falta, mas não obteve resposta até o momento. Por instantes, ela respira e nos conta: “Estou tentando, mas tem dias que dá vontade de rasgar tudo e esquecer que as crianças precisam estudar... eu não tenho paciência para ensinar duas crianças ao mesmo tempo e ainda olhar meu pai idoso, acamado... quando eles estavam em aula, eu conseguia trabalhar e cuidar das questões familiares, porque a escola deles é período integral. Eles querem brincar, correr dentro de casa, acabo ficando tensa todos os dias, não posso deixá-los sair. Meu pai é do grupo de risco e com toda essa situação tive que sair do emprego. Moramos em uma rua onde há uma concentração grande de crianças durante o dia e a noite, mas não posso permitir que eles cheguem no portão. E eles ainda dizem que se já estudaram, por que as outras crianças podem estar na rua e eles não?... São crianças, não tem noção da situação e do perigo. Fico muito triste com a desinformação e ignorância, por aqui”.



Rua Ministro Correia de Castro – Vila Brasilândia.

Crianças na rua, até ao anoitecer. Foto por Tatiane Soares, moradora.

Considerando o perfil socioeconômico destes alunos, entendemos que as estratégias utilizadas neste período, sem as aulas presenciais, podem na verdade intensificar a defasagem educacional. Não podemos ignorar que essas habitações são pequenas por demais, sem quintal, com um aglomerado de crianças e adultos, entre

irmãos, primos, às vezes tios, às vezes avós, dividindo o mesmo espaço. Essas crianças não tem acesso a uma TV a cabo, jogos online, internet e muito menos uma estrutura familiar que proporcione momentos diários de estudo.

Patrícia fala pouco, pois não se sente a vontade em justificar que não conseguiu realizar absolutamente nenhuma atividade com o filho Vitor, matriculado no 3º ano da escola pública e cadastrado no CCA (Centro para Crianças e Adolescentes). “Recebemos uma apostila, mas ele está ficando com a minha mãe, ela é praticamente analfabeta e eu estou trabalhando diariamente, não fizemos nada ainda”.

Mais um problema: para as medidas tecnológicas serem efetivas todos os alunos precisariam ter acesso à internet, entretanto, essa não é a realidade brasileira. Segundo a Pesquisa TIC Domicílio⁵⁶, realizada em 2017, mais de 30% das casas não têm nem sequer acesso à internet.

Notamos que aulas à distância e as plataformas digitais são mais concretas quando se trata de ensino superior, dado que muitas faculdades, já fazem o uso de diferentes mídias. Na educação básica, o problema é um pouco maior porque tanto as escolas como os professores não estão preparados e esta adaptação às novas tecnologias teve que ocorrer no improviso e no imediatismo.

Violência

Conforme o mapa da violência da Secretaria Estadual de Segurança Pública⁵⁷, com dados de 2017, o bairro da Vila Brasilândia é um dos menos violentos da região Noroeste do município, ainda que seja adjacente a um bairro extremamente violento, que é o Jaraguá. A região como um todo se situa numa posição menos exposta às ações que envolvam roubos, homicídios e latrocínios, o que coloca a Vila Brasilândia dentro da média. No entanto, nem sempre foi assim. Em matéria de 23 de março de 1998, a Folha de S. Paulo noticiava que “de 94 a 97, o distrito de Brasilândia pulou de 25º para 1º mais violento entre os 96 existentes na capital paulista”⁵⁸, de acordo com o Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade da Cidade de São Paulo (Pro-Aim).

A violência urbana, no Brasil e em São Paulo, particularmente, de fato alcançou índices estatísticos exasperantes nos vinte últimos anos do século XX. Segundo análises do Núcleo de Estudos da Violência-USP, “em São Paulo, durante as décadas de 1980 e 1990, os homicídios e os crimes contra o patrimônio conheceram acentuado crescimento, especialmente nos bairros com elevada concentração de trabalhadores de baixa renda, precárias condições de infraestrutura urbana e de serviços públicos.”⁵⁹ Esse cenário se alterou radicalmente a partir dos anos 2000, com a violência urbana sofrendo uma gradual inflexão e entrando em marcha descendente até os anos recentes. Na análise dos pesquisadores do NEV-USP, com base em informações do Fórum Brasileiro de

⁵⁶ CETIC. TIC Domicílios: 2017. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2017/domicilios/>>. Acesso em: 30 maio 2020.

⁵⁷ CRIMINALIDADE bairro a bairro. **O Estadão**, São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://infograficos.estadao.com.br/cidades/criminalidade-bairro-a-bairro/>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

⁵⁸ TOLEDO, José Roberto de. Violência: de 94 a 97, o distrito de Brasilândia pulou de 25º para 1º mais violento entre os 96 existentes na capital paulista SP tem novo "pólo" de homicídios. **Folha de S. Paulo**, 23 mar. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff23039801.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

⁵⁹ ADORNO, Sérgio e NERY, Marcelo Batista. Crime e violência em São Paulo: retrospectiva teórico-metodológica, avanços, limites e perspectivas futuras. **Cad. Metrop.** [online], São Paulo, v. 21, n. 44, p. 169-194, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cm/v21n44/2236-9996-cm-21-44-0169.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

Segurança Pública do Município de São Paulo, que em 1999 ocupava a segunda posição entre as capitais brasileiras mais violentas, desde 2015 ocupa o último lugar com a taxa mais baixa do país.”⁶⁰

Portanto, a Vila Brasilândia acompanhou a tendência de queda da violência, encontrando-se em patamar de baixa preocupação. As razões para isso ainda não são claras entre os estudiosos, mas seguramente as mudanças nas condições sociais não foram determinantes, pois o bairro apresenta uma grave marca de vulnerabilidade social, como já apontado anteriormente. Para se ter uma ideia, no quesito habitacional, a região possui um quadro de qualidade baixo, o que pode ser percebido por uma presença significativa de favelas. Essa situação certamente tem a ver com a existência de uma vasta área de expansão urbana prevalecente.

Um fator que poderia ser invocado para tentar explicar a redução da violência no bairro é a atuação do crime organizado, em especial o Primeiro Comando da Capital (PCC). Em entrevista à BBC News Brasil, em 12/02/2016, o professor Graham D. Willys, Senior Lecturer, Centre of Development Studies and Centre of Latin American Studies da Universidade de Cambridge, é assertivo ao dizer que "a queda [nos índices de criminalidade] foi tão rápida que não indica um fator socioeconômico ou de policiamento, que seria algo de longo prazo. Deu-se em vários espaços da cidade mais ou menos na mesma época. E não há dados sobre políticas públicas específicas nesses locais para explicar essas tendências"⁶¹. Ou seja, a pobreza persevera há décadas, não só no bairro, o que seria um sólo fértil para a sociabilidade violenta e fatal, contudo, o que se constata é algo muito diverso. Coincidentemente, a Zona Norte como um todo, abrangendo noroeste e nordeste, é onde o PCC vem exercendo importante controle nas franjas e favelas, juntamente com a concorrência de forças milicianas. Já é de muito sabido, na literatura sociológica, que o crime organizado acaba tendo um papel de normalização nas relações sociais nos territórios em que se difunde, e isso impacta de forma drástica nas práticas criminosas de pequena monta, como parece notório em várias partes da periferia paulistana, inclusive na Vila Brasilândia.

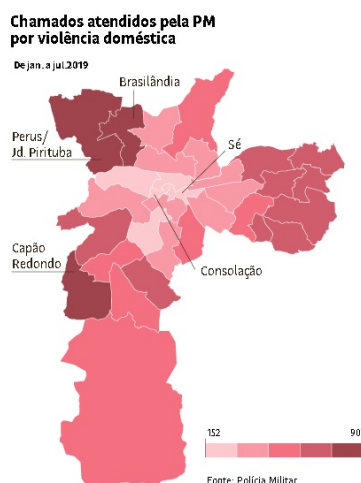
Entretanto, em que pesem as baixas cifras de violência no cômputo geral, uma informação é extremamente alarmante quando posta em termos comparativos. No mapeamento de maior amplitude, já mencionado, que apreende a violência de modo mais agregado, o que se identifica é a presença dos casos de “lesões corporais”. Nesse item, a Vila Brasilândia entra num patamar de gravidade substancial⁶². Isso é um indicador de que há uma criminalidade que não é patrimonial nem chega à fatalidade, mas tem desfecho violento. Tal criminalidade pode estar associada a pequenos desentendimentos, que frequentemente ocorrem entre pessoas que mantêm alguma proximidade de parentesco ou amizade. Isto é bastante comum em realidades nas quais são reduzidos os elementos comunicativos básicos, principalmente o parâmetro verbal mediador. O problema, contudo, exige maior atenção quando se faz um desdobramento dos dados e se verifica que as lesões se concentram no âmbito da casa, isto é, das relações intrafamiliares.

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ GUIMARÃES, Thiago. Queda de homicídios em SP é obra do PCC, e não da polícia, diz pesquisador. **BBC Brasil**, 12 fev. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160210_homicidios_pcc_tg>. Acesso em: 30 maio 2020.

⁶² CRIMINALIDADE bairro a bairro. **O Estadão**, São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://infograficos.estadao.com.br/cidades/criminalidade-bairro-a-bairro/>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

Nesse contexto, a violência doméstica vem a primeiríssimo plano. Segundo um mapa das ocorrências policiais relacionadas a essa modalidade de crime, a Vila Brasilândia é um dos bairros da cidade que responde pelos altos índices⁶³.



Certamente, aqui se inserem predominantemente os casos de violência contra a mulher, com ênfase nas relações de gênero, nas quais o companheiro é o principal responsável pelos atos. Essa situação, percebida no período pré-pandemia, provavelmente deve ter se acentuado com o isolamento social.

Em levantamentos preliminares, já se identifica um aumento sensível da violência contra a mulher. A Folha de S. Paulo, ainda em abril, relatava que “no contexto da pandemia de COVID-19, os atendimentos da Polícia Militar a mulheres vítimas de violência aumentaram 44,9% no estado de São Paulo”⁶⁴. A informação vale para o âmbito estadual, porém, pela experiência, sabe-se que a região metropolitana de São Paulo responde pela imensa maioria das ocorrências. E dentro disso, as regiões mais degradadas social e ambientalmente acabam contribuindo significativamente. Nesse sentido, é possível especular que um dos maiores nós da violência na Vila Brasilândia está no interior da casa, o que no confinamento pode resultar em ainda mais violência.

Aportes conclusivos

Não há nenhuma surpresa quando se realiza o cruzamento entre os levantamentos epidemiológicos e sócio-demográficos das regiões periféricas do município. O cenário é sempre o mesmo: as condições precárias ambientais, habitacionais, educacionais, sanitárias e de renda coincidem com a prevalência de patologias evitáveis, principalmente aquelas de caráter infectocontagiosas ou decorrentes do padrão alimentar e de atividades físicas.

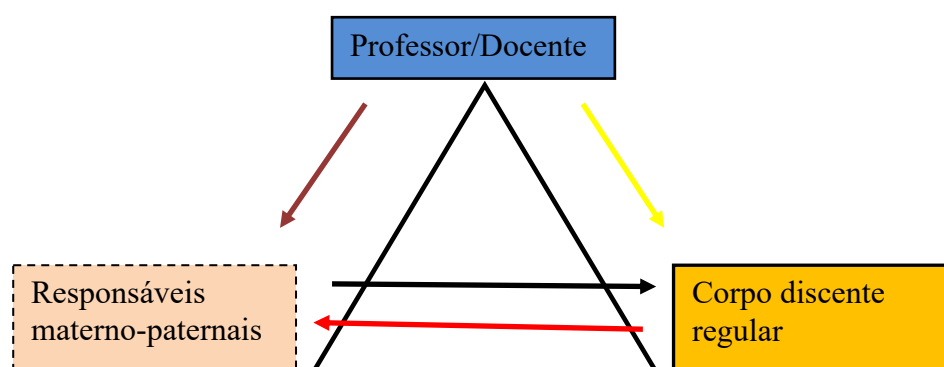
⁶³ CABRAL, Gabriel. Perus, Pirituba e Brasilândia aparecem no topo de ranking de violência contra a mulher em São Paulo. **Folha Noroeste**, 16 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.folhanoroeste.com.br/regional/perus-pirituba-e-brasilandia-aparecem-no-topo-de-ranking-de-violencia-contra-a-mulher-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 16 jun 2020.

⁶⁴ SP, VIOLÊNCIA contra mulher aumenta 44,9% durante pandemia. **Notícias Uol**, 20 abr. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2020/04/20/sp-violencia-contra-mulher-aumenta-449-durante-pandemia.htm>>. Acesso em: 28 maio 2020.

No caso da Vila Brasilândia, esse quadro tende a se reiterar de maneira drástica e o maior sinalizador dessa situação é o número elevado de mortes decorrentes da disseminação do COVID-19. A pandemia do vírus acabou agindo como um importante marcador da desigualdade e da exclusão social no âmbito municipal. Ainda que não seja a região com a maior proporção de mortes, a Vila Brasilândia de todo modo explicita a incidência diferencial das ações do Poder Público.

Além do aspecto epidemiológico, outro ponto que escancara a gravidade da situação é a área de educação. Nesta, é possível se identificar o quão desgarrados estão os alunos e seus familiares em relação ao sistema público de ensino. A chamada educação à distância, tão propalada ao longo das últimas décadas, encontra aqui a sua prova de fogo. E se sai muito mal.

Esse desempenho é resultante de uma gama de fatores e não pode ser visto isoladamente. Assim, para avaliar com melhor acuidade analítica esse contexto, é necessário considerar um tripé de ensino-aprendizagem. A partir dele, será possível dimensionar o peso que cada ente social imprime nesse processo e qual o respectivo impacto da EAD (Ensino à Distância). O tripé é relativamente simples:



Quando aplicamos a essa estrutura as experiências concretas encontradas nos testemunhos coletados entre professores, mães e corpo discente, pode se perceber a complexidade e, principalmente, as adversidades na promoção da educação formal em tempos de pandemia numa região socialmente vulnerável como a Vila Brasilândia e adjacências.

O **professor** é o polo irradiador e condutor de todo o processo ensino-aprendizagem. Esse ente social tem o papel institucional e, portanto, deveria estar dotado de todos os aparatos objetivos e subjetivos para proceder ao seu trabalho. No entanto, o que se percebe pelo material obtido é o seguinte:

- a) a tecnologia básica, o que inclui ferramentas simples de uso do celular, não é facilmente manipulável pelo profissional; por defasagem geracional ou outro impeditivo, os professores nem sempre conseguem operar as ferramentas de trabalho (o acesso à conectividade é um fato, mas não parece ser generalizado, porque nem é citado);
- b) não há treinamento, ou este é deficiente, para o uso das plataformas disponibilizadas pela rede municipal de educação, e por causa disso os professores não logram desempenhar eficientemente suas funções educativas;
- c) a exploração da força de trabalho dos professores se amplia exponencialmente, porque eles precisam desenvolver novas modalidades de aulas, criar conteúdos adaptados, estar

disponíveis praticamente o tempo todo para os alunos e, ainda, responderem às demandas da coordenação pedagógica de outras instâncias do aparato administrativo.

O **corpo discente** é o polo de recepção e elaboração do processo. Não é o principal, mas é a razão de ser de toda a estrutura. Aqui se encontram os principais entraves para a consecução dos objetivos de ensino-aprendizagem:

a) o acesso à conectividade é o primeiro dos obstáculos, afinal, sem ele nada se efetiva. Como já é sabido de outras realidades, a maior parte dos alunos da rede municipal não podem arcar com os custos de acesso à internet, principalmente de qualidade exequível para as finalidades de EAD (Ensino à Distância). Na Vila Brasilândia isso é bastante acentuado. Os relatos indicam que os alunos simplesmente não podem entrar nas plataformas por falta de conexão ou por conexão de baixa qualidade. Além disso, há casos em que as famílias não possuem celulares ou eles não são suficientes para todos os filhos que frequentam a escola;

b) o material pedagógico e as plataformas oferecidas pela rede não são de fácil absorção pelos alunos, muitas vezes pela falta de orientação e pela limitação da conexão (como dito acima);

c) as condições espaciais das residências são precárias e não garantem um lugar apropriado e restrito para a assistência às aulas e o estudo individual posterior. Juntamente com a conexão à internet, esta é uma das adversidades mais invocadas no contexto da EAD. Por conta das dimensões e do número de moradores, a casa raramente permite que o aluno possa se dedicar com conforto e compenetração ao que lhe é transmitido pelas aulas virtuais. Isso tem implicações que ultrapassam a apreensão intelectual e se refletem inclusive na postura corporal dos alunos;

d) ainda que não faça parte imediata do processo de ensino-aprendizagem, o lazer compõe uma faceta importante do estado geral do intelecto, tanto é assim que a recreação nos intervalos de aula (ou após) merece atenção no ambiente escolar. E exatamente pelas condições de suas moradias, esse lazer mínimo não é possível. Os alunos não dispõem de um quintal que lhes permita atividades lúdicas, sistemáticas ou não, de caráter expansivo e fisicamente dinâmico (brincadeiras ou jogos individuais ou coletivos). Esses espaços domésticos diminutos levam as crianças e jovens a se aglomerarem nas calçadas e parques;

e) a ordenação do tempo e dos espaços, que constitui os parâmetros de permanência na escola, é praticamente impossível em casa, não só pelas dimensões como também pela ausência de um agente que esteja integralmente a serviço dessa ordenação.

Por fim, na EAD o **dispositivo materno-paternal** deveria ocupar a função de articulação daqueles dois papéis fundamentais. Seria o terceiro ponto de apoio do processo. Entretanto, talvez seja nesse polo que as fragilidades sejam as mais relevantes e dramáticas, porque forma uma síntese dialética dos problemas elencados anteriormente. O que se verifica aqui é a exclusão social na sua forma mais direta:

a) o maior impacto no segmento adulto (mães e pais, em especial) é a sobrecarga de atividades. Aqui se manifesta uma das marcas mais perversas da pandemia. A escassez de tempo e de disposição física e psicológica de mães e pais para acompanhar os filhos em situação escolar é, provavelmente, um dos maiores óbices para que o ensino-aprendizagem ocorra em sua plenitude e a contento. Em tempos normais, mães e pais, principalmente no caso das mulheres, enfrentam grandes dificuldades para distribuir o tempo e dar atenção a todas as tarefas diárias; agora, com a pandemia e a reclusão forçada, essas tarefas se multiplicam e se acumulam. Além da jornada de trabalho exaustiva (quando estão empregadas), essas pessoas têm que lidar com os afazeres domésticos

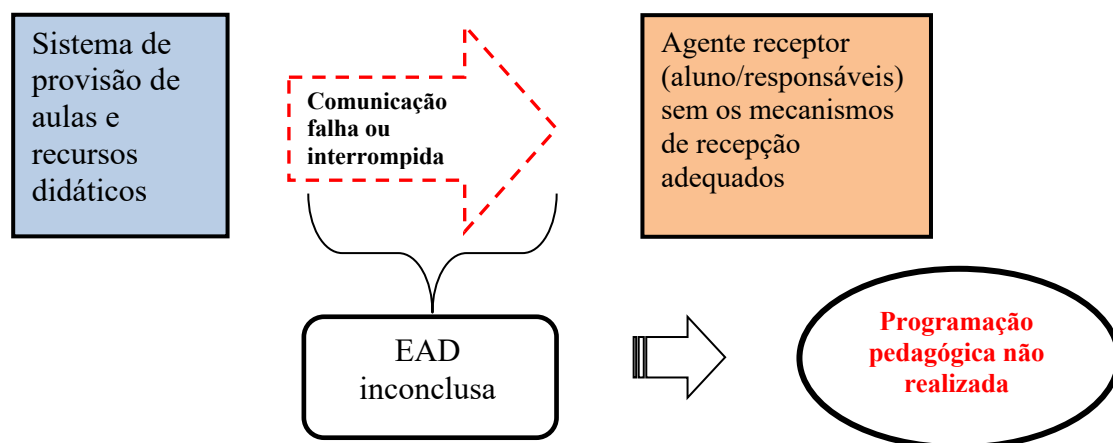
básicos, os cuidados com parentes adoentados ou idosos, e, acrescido a tudo isso, o acompanhamento da educação e da recreação dos filhos;

b) as mães e pais, na maior parte das vezes, não possuem o nível de conhecimento apropriado, de caráter técnico e pedagógico, para que possam acompanhar e desenvolver práticas de ensino-aprendizagem, tanto teóricas quanto práticas. Isso torna ineficaz a manipulação e a aplicação dos recursos didáticos disponibilizados em meio físico ou virtual;

c) os recursos escassos impedem o consumo mais elementar e tornam a conexão de internet praticamente um luxo. Esta limitação está diretamente relacionada ao fundamento de toda a EAD (Ensino à Distância), isto é, o acesso razoável e estável a uma rede telemática. Muitas vezes, essas mães e pais têm que se desdobrar para dar conta do acesso de vários filhos, cada qual em salas e séries diferentes;

d) a ruptura extrema da rotina introduz um estresse incomensurável na vida de mães e pais, que antes da pandemia mal podiam desfrutar de alguns míseros instantes de descanso e lazer. Esses bastidores, totalmente invisíveis, acarretarão consequências que jamais serão contabilizadas e sanadas.

A dinâmica exposta nesse tripé, a ser levada às últimas consequências, é eloquente em mostrar que o processo ensino-aprendizagem está negativamente comprometido no contexto da EAD. Se modelo presencial de aulas já não oferece um rendimento substancial, com a EAD nessas condições inconsistentes o resultado será o fracasso e o sacrifício não apenas de um semestre, mas de um ano letivo inteiro.



O que fica patente, por mais que se flexibilize os contornos avaliativos, é o fato incontornável de que, na concretude dos eventos, o sistema oficial (burocrático-institucional) está em pleno desacordo com o chamado mundo da vida, ou a vida efetiva dos indivíduos em sua sociabilidade a quente. Por mais que os recursos disponibilizados, virtual e fisicamente, sejam sofisticados (o que não é o caso), eles não alcançam o público-alvo, e quando o fazem, isto ocorre de modo insatisfatório. Isso sempre ocorreu, de uma maneira ou de outra, mas neste momento aguçado o contraste se converteu em tensão e fratura.

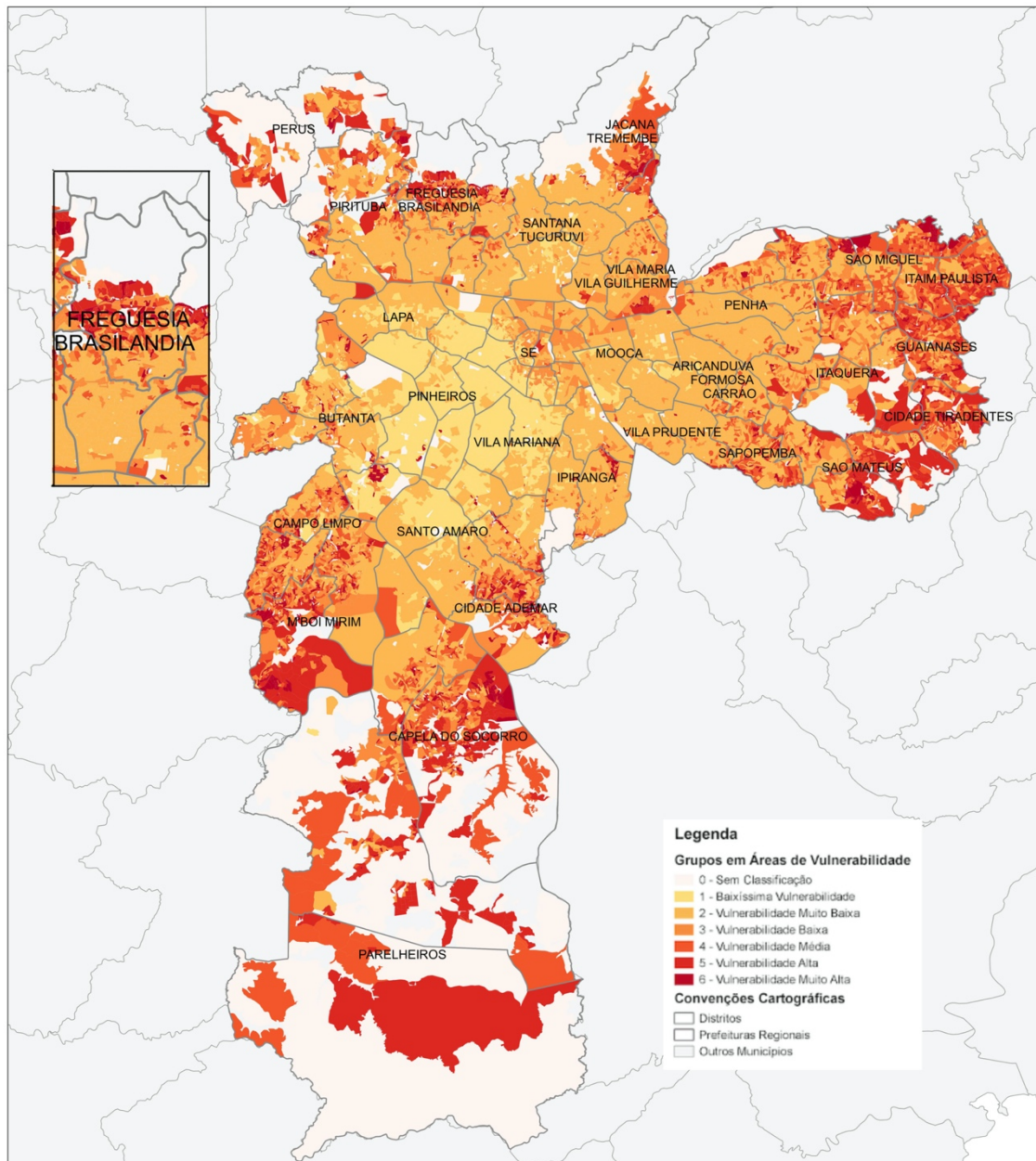
Frente a essa conjuntura, e para que sua reverberação não seja estrutural, algumas medidas seriam, no mínimo, urgentes:

- decretação de *lockdown* seletivo e com blindagem técnica no distrito da Vila Brasilândia. Essa modalidade de "clausura" é rigorosa e exige o controle e a fiscalização ostensiva de órgãos de segurança pública e da vigilância sanitária;
- constituição emergencial de uma rede de *wifi* que possa abranger uma gama significativa de residências, o que possibilitaria minorar momentaneamente a dificuldade de conexão. Essa rede pode ser desenvolvida de várias formas, como demonstram exemplos em outras partes do mundo⁶⁵;
- constituição de uma rede de escolas, centros culturais e o Sesc (Serviço Social do Comércio) para desenvolverem atividades em grupos reduzidos de crianças, mantendo sempre as distâncias exigidas e todos os equipamentos de EPI (Equipamento de Proteção Individual) necessários;
- alocação de cestas básicas e complementação de renda por meio do CadÚnico (Cadastro Único para Programas Sociais) para famílias que se encontram sem possibilidade de trabalho (ou que poderiam deixar de trabalhar em caso de auferirem alguma compensação monetária);
- convocação das empresas Google e Microsoft para oferecerem treinamentos para os equipamentos e as plataformas de ensino à distância;
- comunicação direta entre coordenação pedagógica e grupos de mães/pais no sentido de padronizar as práticas e as informações;
- os recursos seriam responsabilidade do Poder Público Municipal, por meio de realocação de verbas publicitárias e de manutenção viária de superfície.

⁶⁵ GUIMARÃES, Clara. Rede de Wi-Fi feita com patos de borracha pode salvar vidas durante desastres: as pessoas dentro do perímetro do ClusterDuck receberão uma notificação de alerta de emergência em seus dispositivos com instruções sobre como se conectar ao software. **Olhar Digital**, 07 maio 2019. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/rede-de-wi-fi-feita-com-patos-de-borracha-pode-salvar-vidas-durante-desastres-confira-o-video/85526>>. Acesso em 06 jun. 2020.

ANEXO

Índice Paulista de Vulnerabilidade Social em São Paulo 2010 – Brasilândia



Fonte e Elaboração: Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social - 2010⁶⁶

⁶⁶SÃO PAULO (SP). Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social no Município de São Paulo**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/servicos/Mapa_IPVS_por_Prefeituras_Regionais.jpg. Acesso em: 27 maio 2020.